



Miguel Calmon du
Pin e Almeida*

A formação psicanalítica e o mundo

*Para esse ensimesmamento que
encerra o analista nas armadilhas
do conselho e da maestria – e, pior
ainda, na de erigir a si mesmo
como modelo de uma normalidade
pós-analítica – só há um remédio:
a retomada da tarefa analisante.*

Patrick Guyomard

A psicanálise está envelhecendo?

A população de psicanalistas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês), certamente, está. A tomar a experiência sensível dos últimos congressos, a situação é visivelmente preocupante. Ao entrar nas salas de conferências somos recebidos pelo mar de cabeças brancas ou calvícies que predominam por todo o lugar. Onde estão os jovens? É a pergunta que invade a nossa curiosidade.

O que isso quer dizer? Que na constante e insistente luta entre as necessidades da tradição e os apelos por mudanças, a tradição tem predominado e mantido sua fidelidade a si mesma? Que ao exigir absoluta conformidade a seus modelos, impede a renovação de seus quadros?

Consequência imediata, ao mesmo tempo que seus membros, não estará a API também envelhecendo?

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Refletindo sobre a solidão inerente ao ofício de escrever, Paul Auster comenta:

“Às vezes me pergunto por que passei a vida trancado em um quarto escrevendo, quando do lado de fora o mundo está cheio de possibilidades. A escrita exige uma entrega sem fissuras, abrir-se a todas as formas possíveis de dor, de alegria, a todas as emoções que é possível sentir. Fazer isso bem requer coragem moral. Nenhuma outra profissão exige que a pessoa entregue o ser, a alma, o coração e a cabeça sem saber se haverá uma recompensa no final” [...] “Isso significa que nunca mais haverá outro romance de Paul Auster?” pergunta o repórter. “Não quero afirmar categoricamente, mas não sei se tenho a força necessária para escrever” (Jornal *El País*, Lago, 3 de setembro de 2017).

Lendo essa entrevista de Paul Auster, pensei que me sinto da mesma maneira exercendo a psicanálise. Entregando o ser, a alma, o coração e a cabeça sem saber se haverá uma recompensa no final. Talvez pretensão minha, exagero meu, não sei, julguem-me vocês. Mas tem momentos que me pergunto se serei capaz de chegar ao fim do dia suportando tamanha exigência. Tanta vida lá fora! O que me leva a prosseguir em um ofício que, para ser bem feito, requer tamanha coragem moral?

Quando julgamos já ter esgotado as reservas, algo de novo se apresenta e nos informa que ainda não foi suficiente.

Do tempo de minha análise de formação guardo uma recordação que condensa todo esse período. Um dia, deitado no divã de minha analista, lembro de mim chorando e dizendo-lhe, e assim dizendo-me, que não sobraria nada de mim. Pelo menos daquele “mim” idealizado que eu levava para análise. Parecia que tudo seria arrancado de mim. E de certo modo, o foi mesmo. Vivo do que sobrou; do que sobrou, reconstruí minha vida e me tornei psicanalista.

Será que hoje teria a força necessária para enfrentar a formação psicanalítica e toda a exigência de reviramento que ela requer? Isto porque, não nos enganemos, formação significa este reviramento do corpo e da alma. Esta coragem moral me foi fundamental no momento em que me dispus a acompanhar candidatos em suas formações, uma vez que, como todos podem supor, acompanhar um candidato em sua formação significa refazer a nossa própria formação.

No fim da década de 70, no Rio de Janeiro, quando comecei minha formação psicanalítica, eu conheci pessoas que venderam apartamentos para fazer suas análises em Londres. Também conheci pessoas que dispuseram de seus bens para fazer formação psicanalítica em Paris. Freud utiliza a figura do pintor que sacrifica seus móveis ao fogo para aquecer seu modelo, para se referir ao que um psicanalista tem que dispor para manter-se psicanalizando.

Algumas outras pessoas, mas aí já recorrendo à literatura, decidiram tratar seus tumores malignos apenas com psicanálise. No final da década de 50, nos EUA, Marilyn Monroe assinava seus contratos com os grandes estúdios avalizada por seu analista. Ele era o responsável por levá-la à gravação nos horários combinados, assim como também era ele quem determinava as cenas que ela poderia e não poderia rodar. Seu nome: Dr. Ralph Greenson. Não, ele não era um tolo. Era um psicanalista que trabalhava na “época de ouro” da psicanálise

nos EUA. Ali, na psicanálise, residia a solução para todos os males do corpo e da alma. Ele não poderia falhar sem que se pusessem em questão os limites do método.

Como tampouco nenhuma das pessoas citadas acima são tolas.

Na contrapartida de todo este investimento havia uma esperança autorizada pela época, isto é, o encontro e o reconhecimento do si mesmo como pré-condição para a entrada ao apaziguamento e à resolução de toda a angústia. Entendamos, sem nenhuma ironia, que se as pessoas investiam em suas análises e na formação psicanalítica era porque acreditavam que teriam em troca seus sonhos mais íntimos realizados. Assim como cada um de nós continua fazendo, apenas talvez um pouco mais advertidos pelo tempo.

A nos diferenciar, portanto, o tempo. O tempo e aquilo que faz girar com ele.

O próprio Freud, na célebre carta de setembro de 1897, diz não acreditar mais em sua neurótica e nos revela esta expectativa e sua consequente desilusão.

A expectativa de fama eterna era belíssima, assim como a riqueza certa, independência completa, viagens e elevar as crianças acima das graves preocupações que me roubaram a juventude. Tudo dependia de a histeria funcionar bem ou não. Agora posso voltar a ficar sossegado e modesto e continuar a me preocupar e a economizar. [...] Tenho acrescentar mais uma coisa. Neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permaneceu inalterado. O livro sobre o sonho continua inteiramente seguro e meus primórdios do trabalho metapsicológico só fizeram crescer em meu apreço. É uma pena que não se possa ganhar a vida, por exemplo, com a interpretação dos sonhos! (p. 267)

Permitam-me um pouco de história. É o ano 1897 e Freud já conseguira descrever alguns dos mecanismos fundamentais da histeria. Escreve a seu confidente, W. Fliess, sobre seus sonhos de fama e fim de quaisquer dificuldades financeiras somente com a aplicação de seu método. Em linhas gerais, trata-se de um acontecimento traumático datado historicamente, ou seja, de um fato acontecido na vida de um indivíduo, que em virtude de sua intensidade e de sua carga conflitiva, não permitiu ao sujeito ab-reagir. Isto é, encontrar meios de descarga da tensão causada pelo acontecimento. Em consequência da impossibilidade de descarga este afeto fica estrangulado ali, naquele nó, impedindo a passagem da energia psíquica. Uma vez estrangulada a principal via de acesso, formar-se-á uma rede auxiliar, substitutiva, por onde a energia passará a trafegar. A essas formações substitutivas chamaremos sintomas, e a terapêutica eficaz será aquela que reconduzir o doente à cena traumática de forma a fazê-lo reviver o trauma, e consequentemente liberar a via estrangulada, tornando desnecessária a via substitutiva. Ou seja, uma vez que o doente lembre a cena do trauma desaparece o sintoma. O exemplo paradigmático é o da mulher que se condenando por ter tido relações sexuais passa a mancar de uma perna, denunciando assim seu “mau passo”. Como veem, processos mecânicos, razoavelmente simples, onde a presença e subjetividade do médico apenas interferem para garantir a legitimidade da terapêutica.

Freud tinha toda a razão em prever sucesso e fortuna, não fosse o fato de as histéricas mentirem. Este é o conteúdo da famosa carta de setembro de 1897 em que, desolado, ameaça desistir de tudo, face à constatação das mentiras das histéricas. Caía por terra a confirmação de seu método. Nada do que lhe afirmavam ter lhes acontecido se dera, e mais, aprende a escutar aquelas mesmas cenas contadas pelas fantasias de quase todos, inclusive as dele mesmo. Some-se a isto a verificação de que os sintomas desaparecidos através de seu método terapêutico reapareciam sob os mais variados disfarces, mostrando deste modo que o conflito que os motivava permanecia intocado.

Notem que essa frase “o colapso de tudo que me é valioso” (Freud, 1897/1986) se deve ao fato de que o acontecimento que serviria de contraprova para a confirmação de suas teorias era falso. Freud era deste modo radicalmente expulso do mundo das ciências naturais. Elas mentem.

Ao mesmo tempo, é por intermédio de seu desespero que o novo caminho se oferece para o desenvolvimento do que será o método psicanalítico, para a demarcação de um campo singular e próprio da psicanálise. “É uma pena que não se possa ganhar a vida, por exemplo, com a interpretação dos sonhos” (Carta de Freud a Fliess de 21/9/1897, p. 267), a parte de suas teorias que julgava a salvo do “colapso de tudo” por não se apoiar na necessidade de nenhuma evidência natural. Esse é o desespero que abrirá caminho para a psicanálise, ao fazer Freud debruçar-se sobre o inconsciente e suas leis de funcionamento próprio. Tais processos deixarão de ser privilégio dos estados mórbidos e passarão a dizer respeito à constituição do sujeito humano.

À toda época não corresponderá uma neurótica na qual não poderemos acreditar mais e que nos exigirá que vivamos apenas com um pedaço do que já imagináramos ter alcançado? Aquilo que, em um primeiro momento nos parecia pronto e acabado, nos escapa e se recoloca desde outro lugar, exigindo novos desenvolvimentos, quando não autocríticas duras de serem consideradas, jogando por terra nossas expectativas de fama eterna.

A questão que nos interessa, portanto, trata de como dar acolhimento a essa neurótica. Para tanto me farei acompanhar por Jacques Derrida e seu livro *Questão do estrangeiro: Vinda do estrangeiro* (1996/2003). Nesse texto, ele nos propõe o paradoxo contido no étimo *hostis* que tanto descreve o hóspede quanto o *hostil* (o inimigo). A proposição: “hospitalidade, hostilidade, hostipitalidade” resume e condensa o problema que decidimos enfrentar.

Dar hospitalidade àquele que ignora minha língua, meus valores, requer um conjunto de acordos sem o qual eu o tratarei como “bárbaro”. Ao mesmo tempo, a exigência destes acordos fere o imperativo de dar hospitalidade a qualquer um, sem lhe exigir sequer que tenha um nome próprio, um nome de família. Derrida o nomeia este outro sem nome, o estrangeiro absoluto. Dois compromissos que se opõem sem se excluírem, e que por isso mesmo, estarão em constante tensão.

Para dar acolhimento a qualquer um tenho que ser dono da minha casa. Mas não existe casa sem porta e sem janelas, aberturas que darão passagem aos estrangeiros. Derrida nos lembra de que um espaço para ser habitável, por ser um espaço íntimo, precisa de portas

e janelas: “Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto, excluindo e praticando-se uma certa violência” (p. 49).

Hostipitalidade parece adequado para reunir em uma palavra o paradoxo que o acolhimento de nossa neurótica nos impõe.

Como acolher este estranho?

As biografias assim como as correspondências entre os autores que estudamos sempre me fizeram bem. Nelas, aproximamos-nos quase que indevidamente, quase obscenamente, da cena onde a teoria se construiu e podemos ver com clareza as marcas de seu nascimento. Elas não nasceram prontas. Há conflitos, inconsistências e pretensões a serem enfrentadas, pois de outra maneira não viriam à tona. Não é extraordinário ouvir Freud lamentar não poder viver de interpretar sonhos? Naquele momento tratava-se de uma pequena parte do edifício que acabara de desabar: “o colapso de tudo o que é valioso”.

Hoje, me pergunto: Qual a neurótica de nossa época? Quais os sacrifícios que nos exige? E, mais ainda, a quem endereçar uma carta admitindo que não podemos mais “acreditar em minha neurótica?”.

Será que isso se deve a que faltam aos mais jovens a confiança, a coragem, a paixão que caracterizou nosso desejo de nos tornar psicanalistas? Eles desejam menos do que nós desejamos? Entre os mais próximos, e velhos, existirão ainda aqueles que quererão nos escutar? Tudo lhes parece tão estabelecido! Qualquer mudança parece-lhes um aviltamento do método, um apequenamento da formação.

A título de exercício me pergunto como reescreveríamos hoje a carta de 1897? Face ao que se apresenta à clínica como imposição, teríamos de sacrificar “tudo o que me é valioso”? Diante da exigência de tal renúncia, sobraria apenas uma pequena parte que não seria suficiente para viver a vida do que ela nos proporcionaria? Ou será que, face a mais de um século de produção fértil, não seríamos mais capazes de reconhecer uma tal neurótica e suas duras imposições? Diríamos que ela resiste e a nada renunciaríamos, nem nos postulados teóricos, nem na posição do psicanalista face à clínica, nem consequentemente na formação psicanalítica?

Em síntese, teríamos a honestidade de Freud, não só para reconhecer sua neurótica com todas as implicações que sua existência traz, mas também para proceder às renúncias por ela exigidas?

Como definir a identidade de um analista se qualquer resposta é contestada, quando não desmentida pelo exercício mesmo da psicanálise? Como poderiam os psicanalistas permanecer idênticos a si mesmos? Como poderia a psicanálise, logo a formação psicanalítica, permanecer idêntica a si mesma?

Salvo por curtos momentos, a história da psicanálise se descreve na história de suas crises seja pelo viés da psicanálise contra os psicanalistas sejam os psicanalistas contra a psicanálise.

Em outro texto, A clínica do possível (Calmon du Pin e Almeida, 2014), afirmei de forma provocativa a necessidade de livrar a psicanálise da psicanálise para a psicanálise. Constantemente. Insistentemente.

Permitam-me lhes contar coisas bem recentes referentes aos modelos de formação da IPA.

Na esteira das inúmeras discussões acontecidas em todo o mundo ao longo do tempo sobre a redução da frequência semanal das análises de formação, três sociedades, a saber, a Sociedade Italiana de Psicanálise; a Sociedade Espanhola de Psicanálise e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, encaminham simultaneamente à IPA um pleito visando a flexibilização do modelo Eitington, reduzindo o número de sessões das análises de formação de 3 a 5 sessões semanais. O assunto é levado à reunião do Board da IPA que acata o pleito e propõe que seja levado à votação no congresso em Buenos Aires.

Logo em seguida recebemos uma carta da Dra. Catalina Bronstein ameaçando que a Sociedade Britânica se desligaria da IPA caso a votação do pleito acontecesse em Buenos Aires. O argumento: a questão não fora suficientemente debatida.

*To Stefano Bolognini, IPA President
To the IPA Board
11th July 2017*

Dear Stefano

Last Saturday we had our Society's AGM. I reported, among other things, on the proposal you are putting before the IPA Board to alter the IPA regulations concerning minimum training standards. You have already received a number of letters from concerned members of our Society.

After I spoke, a proposal was made from the floor. It asked that, on behalf of the members, the British Society opposed changes that were universally understood as ill-thought-through, underspecified and the result of inadequately consulted proposals. I want to say that in Britain, the raison d'être for the IPA is as the guarantor of standards that differentiate psychoanalysts from other practitioners and so constitutes us as a competent professional body. To make changes in this way and at this time has the potential to seriously damage psychoanalysis and the standing of the IPA in the UK, in Europe and in the world.

I had not expected such a strong position to emerge spontaneously at our AGM but it was certainly consistent with the views of our Education Committee, of the Executive and of the Board. I hope, therefore, that this letter and our view will be taken very seriously.

I would like to be clear that we are objecting not to changes in training procedures as such but to the way this proposal has been introduced and it is supposed to be voted on in Buenos Aires. If they are to be safe and enhance the reputation of the IPA and psychoanalysis, proposals for change, when they are made, should be based on proper process and argumentation.

We mean by proper process that a Board decision should follow decisions of an appropriately constituted technical committee and be supported by clearly argued and widely circulated documents laying out with the evidence why changes are recommended, what their effects are expected to be and how intended and unintended effects will be monitored. On a matter with such potentially major consequences, such a technical committee report would follow a sustained period of written consultation with training and education committees worldwide. Arguments about the potentially positive or negative impact of changes, in particular rules and procedures, on the possible future quality of graduating candidates' work and the wider reputation of psychoanalysis (as distinct from other related psychotherapies) would be evaluated transparently.

It is our view that to date nothing like a rigorous and serious process has been in place. I have heard only hearsay arguments about possible dishonest procedures (as you mentioned at The Hague) or hearsay arguments about threats and counter threats from societies who, apparently, want the changes made. This approach to setting training standards is not the way to build and enhance our profession and its reputation nor that of the IPA.

Feeling is so strong here about these points of process, that if the IPA Board takes a decision on this matter in Buenos Aires and so long as a proper process is not implemented we would be forced to reconsider our position in relation to the IPA.

I have been asked to send this letter to the Board of the IPA and to the Presidents and Directors of Training as well as more widely.

On the more positive side, should the IPA Board postpone what is a premature and precipitate decision, I have been asked to say we would support (and encourage others to do so) both IPA and EPF taking a major and urgent initiative to use our collective strengths to consider the underlying concerns that are being raised by all this debate and to work constructively towards a more satisfactory set of proposals that could address them.

I hope that your deliberations at the forthcoming Board will meet out concerns.

*With best wishes
Catalina Bronstein
President, British Psychoanalytical Society*

Respondemos à carta da Dra. Catalina Bronstein:

Existem pacientes para os quais a psicanálise foi inventada e aqueles para os quais ela tem de se reinventar.
Jacques André

Sirvo-me da epígrafe para propor uma analogia: assim como para certos pacientes temos que reinventar a psicanálise, para as mudanças impostas pelo mundo contemporâneo temos que reinventar nossas instituições e nossos processos.

Impossível sermos apenas os mesmos psicanalistas de 50 anos atrás! Nem nossas instituições!

Diante da violência com que nos sentimos interpelados pela carta assinada pela Dra. Catalina Bronstein, em nome da Sociedade Britânica, não posso deixar de me manifestar, em meu nome próprio, em nome do Instituto e do conselho diretor da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (Rio2), inteiramente contrário ao que nos foi proposto pensar.

Ao sugerir que as razões que fundamentam as mudanças sejam exaustivas, isto é, que exauram as razões e as consequências das mudanças pleiteadas, a Dra. Bronstein apenas expressa sua opinião contrária às mudanças.

O que é legítimo.

O que não nos parece legítimo é exigir razões exaustivas para justificar as mudanças pleiteadas. Tal pretensão serve apenas para imobilizar qualquer movimento de questionamento e de mudanças tão exaustivamente debatido nos últimos anos e nos mais variados forums.



Eu lhe pergunto, Dra. Bronstein: Quais as razões profundas que movem as mudanças vividas ao longo da História? No momento em que acontecem, sabemos delas com a exatidão que a doutora nos propõe dever saber?

Quanto tempo para virem a ser interpretadas, jamais esgotadas?

Nossas insatisfações, angústias do cotidiano da prática de cada um de nós, assim como preocupações advindas do exercício da vida institucional, serão apenas razões superficiais e, portanto, não devem ser tomadas em consideração?



Concordo com Robert Musil e o cito: “A causa profunda de todas as grandes revoluções não está no progressivo acúmulo de condições insuportáveis, mas no desgaste da coesão que apoiava o contentamento artificial das almas” (1930 [1943]/ 1989, p. 376).

Aos olhos da referida carta, nossas razões são e não terão como deixar de ser superficiais.

Deste modo, dispostos a aceitar qualquer que seja o resultado das discussões em Buenos Aires, nós reafirmaremos o que nos provoca a pleitear as referidas mudanças no setting: a adequação da formação psicanalítica à realidade, ao mundo contemporâneo, assim como a necessidade de “reinventar a psicanálise para certos pacientes”.

Atenciosamente,

Miguel Calmon du Pin e Almeida.



Coube ao então presidente da IPA, Dr. Stefano Bolognini, encaminhar uma resposta formal e firme à Dra. Bronstein.

To: Catalina Bronstein, President of the British Psychoanalytical Society
From: Stefano Bolognini, President of the International Psychoanalytical Association

Dear Catalina

Thank you very much for your most recent letter, which I read with much interest. I know you have also sent it to all the Directors of Training and others who are registered for the IPA Listserv.

I wanted to start my reply by emphasizing, again, that the proposal to vary the frequency standard in the Eitingon Model is not my proposal: it was formally made by a number of IPA societies (including two European societies), and it is a matter that will be considered and determined by the IPA Board.

After reading your letter I think no-one could now be in any doubt as to the position adopted by the British Society: that the British Society considers the proposed broadening of the minimum standards set out for the Eitingon Model – from “4 to 5” to “3 to 5” – to be of such a profoundly negative importance that, if the variation is agreed by the IPA Board in Buenos Aires later this month, the British Society may decide to withdraw altogether from the IPA. I wanted to say two things about this.

Firstly, I am frankly unhappy that you have chosen to present this extreme position.

In my view, this is a profoundly antidemocratic proposition: as the IPA Administration, we accept all criticisms and disagreements, but we cannot accept any kind of coercive pressure from any of our Societies. We know that many of the parties in these discussions feel extremely strongly – even passionately – about this issue, but we would like all parties, no matter what their views, to conduct the debate in a fair and measured way.

Secondly, and while I imagine it is obvious, I should write my view that if the British – or any other society – chose to remove themselves from the IPA it would be a great pity for all concerned, and it would damage psychoanalysis, its institution and its image, far more than any agreed or disagreed change.

The IPA was established by Freud himself precisely to hold together different ideas about psychoanalysis from around the world. It seems to many colleagues, including me, that the variation being proposed is important, regardless of whether you consider it positively or negatively, but much smaller than the variations between the existing three models that have already been accepted by the IPA.

Paradoxically, while as analysts we all declare at every congress that we expect our patients to change, we seem all too frequently to be reluctant to do that ourselves; and also the emphasized principle to recognize “the other” and to respect and give room to its otherness raises, in fact, fierce rejection in many cases.

The proposal is based not only on one aspect (economic factors), as is at times reductively sustained by its opponents, but also on clinical, theoretical, political and historical realities that I won’t reiterate here: they have been clearly presented by the proponent societies in their documents, and all societies had the opportunity to express their agreements or disagreements, and their reasons for that.

The implementation of the institutional process is now up to the IPA Board, as our Rules state, and my role as President is to ensure that process is respected and correctly followed.

Our Board must consider opinions and representations from all our societies – including the British Society – and it must then make a decision which it believes to be in the best interests of psychoanalysis. If we were to allow one or more societies to have too great an influence over this process – either by forcing it through, or by forcing an endless postponement – it would overwhelm democracy in the IPA. We have to guarantee an institutional situation where all societies are equal in their influence and the procedural rules are respected and followed.

It is clear that the proposal being put to the IPA Board is an enabling proposal: it does not require the British Society – or any other IPA society – to do anything different from that which it is currently doing. But it would enable all our societies, after due consideration, to adopt a different approach if they felt that was needed.

One of the sources of inspirations for this approach has been the incorporation of the William Alanson White Institute into APsA and, hence, into the IPA (APsA is not required to follow the IPA’s minimum training standards). The William Alanson White Institute is world-renowned for the rigour of its training programme but utilizing a minimum frequency of 3 times a week. It is true, of course, that the William Alanson White also uses other variations to minimum standards, including increasing the number of training cases. And it is precisely this flexibility that the IPA is considering making available to all societies, not just those that are part of the APsA family.

We trust our IPA societies and our IPA psychoanalysts to make decisions which are carefully considered, and which are in the best interests of this profession we all love.

Just as the IPA recently updated our Ethics Code, which provides minimum ethics standards that all IPA societies and analysts must adopt, there are some societies – including your own – which have chosen to hold their members to even higher standards. One cannot but applaud this diversity, which is part of what enables the IPA to have

MARIA MATURANA CARDEMI, (a) La Negra, Compañera de la Raquel Lara, operan juntas y tienen muchas detecciones por Buenos Aires, Opera en Valparaíso, Santiago y Los Andes.



thrived for more than a century, adapting from what was right, proper and feasible in the time of the pioneers, to what is right, proper and feasible in the 21st Century.

I would like to add one more observation. The Board is currently being asked whether it agrees in principle with the proposed variation. If it is agreed, the detail of how it would work in practice would then be a matter for the next Administration and Board. I expect that the next Administration will take the issue seriously, whatever the outcome of the Board's decision may be, and will find the path to ensure that the IPA will be integrated and unified behind psychoanalysis as we move further forward in the years to come.

*Warmly
Stefano*

A votação em Buenos Aires aconteceu. Seu resultado foi 18 a 4 em favor do pleito pela flexibilização do modelo Eitingon; mas, a discussão não terminou.

Alguns membros da IPA continuam contestando e não reconhecendo o resultado da votação pelo Board da IPA.

Os representantes que votaram favoravelmente foram acusados de não terem permitido que as sociedades discutissem suficientemente as modificações. Quando muito teria havido uma coalização de lideranças, mas, aqueles que mais contribuem financeiramente para a IPA, isto é, os europeus que correspondem aos quatro votos contrários, não foram consultados nem levados em conta. Mais ainda, a autoridade do Board foi posta em questão, uma vez que os assuntos de formação tinham que ser resolvidos por diretores de institutos e não por membros do Board. Foi proposto até um plebiscito para ratificar ou retificar a decisão do Board.

Há pouco uma carta do Dr. Bill Glover pareceu-me resumir o momento:

O fator decisivo em meu voto é a crença de que nós temos que ter condições de acolher na IPA as inovações que se acrescentam aos nossos princípios básicos uma vez que eles ganham certa consistência. O Board está considerando o melhor para trabalhar com as organizações componentes para aplicar estas mudanças, incluindo prover outras formas de apoio institucional para aqueles que querem continuar com a frequência tradicional. Flexibilidade nos standards da formação tem sido chamado de “slippery slope” (escorregar ladeira abaixo). Talvez não seja uma frase feliz, mas eu penso que a flexibilidade de 3-5 sessões pode igualmente ser uma “inspiring incline” (uma inspiradora ladeira acima).

*Bill Glover,
North American representative, IPA Board
Councilor, APsaA Executive Council
Past-Chair, Psychoanalytic Education Division, San Francisco Center
for Psychoanalysis*

Interessante pensar a contradição entre ladeira abaixo de alguns poucos e ladeira acima, para muitos. Pelo menos no Board da IPA, 18 votaram ladeira acima e apenas 4 votaram ladeira abaixo.

As discussões continuam. Duros embates ainda estão por acontecer. Mas, não duvido nem por um segundo que o futuro da psicanálise está sendo jogado neste combate. Há aqueles que, por se sentirem em casa, lacram portas e janelas julgando que assim se sentirão mais seguros e resguardarão seus tesouros dos saques dos bárbaros. Não os condeno, apenas discordo deles fortemente. Sei pelo que brigam e se empenham tanto. Eles creem que somente dessa maneira sobreviverão. Por outro lado, temo que terminem falando um dialeto apenas reconhecido por uns poucos. Mas, quem sabe isso não os deixe contentes? Uma língua somente para uns poucos.

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 2017.

Embora julgasse já ter concluído meu texto, vejo-me diante do desejo de reabri-lo a fim de dar continuidade às ameaças feitas pela Dra. Bronstein, agora sob a assinatura do Dr. David Tuckett e mais 12 assinaturas.

Deixo a cada um de vocês a leitura do comunicado feito por este grupo ao Board da IPA em 03 de janeiro de 2018.

*From: David Tuckett
To: Virginia Ungar.
Subject: European Meeting December 9-10*

*Dear Virginia,
As you know from Cathy Bronstein, I hosted a meeting of Eitingon training directors in Europe on the weekend of December 9/10 in London.*

At the meeting, we spent the first morning on a full, frank and stimulating discussion of the key elements in each of the represented society's own trainings (written details of which had been submitted in advance). We agreed that although there were some interesting differences between them on implementation, all the trainings were broadly comparable. There was particular agreement on the function and purpose within Eitingon trainings of 4/5 times per week frequency for personal analysis throughout training and the treatment of at least two supervised cases at that frequency.

On this basis (and also given that many of the societies present already have arrangements to have their training overseen by other organisations), those present thought their societies would be willing both to receive the benefit of oversight from other Eitingon model societies and to provide it in return. We then explored a proposal for a European-wide (Eitingon Model) system of monitoring and evaluation, underpinned by reflection and research, to validate psychoanalytic training conducted under Eitingon principles.

A declaration to form “the European Psychoanalytic Training Association” (EPTA) was signed. I append to this letter the provisional constitution for the organization along with the signed declaration. The meeting then chose a provisional executive. Its members are Marie-Ange Wagtmann (Danish Psychoanalytic Society, Hon Sec.), Claudia Frank (German Psychoanalytic Association), Anneli Larmo (Finnish Psychoanalytic Society), Elisabeth Skale (Viennese Psychoanalytic Society) and myself, David Tuckett (British Psychoanalytic Society), as Chair.

You will realise this development follows months of expressed concern from European Society presidents. We know the Task Force you created to implement the July resolution is still having discussions but

their recent document makes clear (a) that the IPA has approved changes to the meaning of what the Eitingon model practiced in most of Europe actually means, which are not acceptable to the Directors of many of those trainings, and (b) that, to date, no further definition nor external monitoring and evaluation of changes societies may make (of the kind offered by EPTA) is, apparently, to be required when implementing them or afterwards.

Attached: December 10th Declaration and EPTA Provisional Constitution.
Professor David Tuckett.

Em 07 de janeiro de 2018, lemos a resposta formal e firme do Board ao comunicado do professor Tuckett.

To the Presidents of all IPA Component and Provisional Societies and the Regional Association
Copied to the IPA Executive Committee, Board, Chairs of ING and Psychoanalytic Education Committees, Presidents of the Regional Federations, European Directors of Training.

Dear Presidents

We know that about 12 IPA members met in London last month, brought together by David Tuckett, to discuss the creation of a new psychoanalytic organization and to propose a new way of having oversight of Eitingon training.

On 5th January the IPA's Executive Committee discussed this initiative. We will be having a full discussion with the whole IPA Board of Representatives during the meeting that will take place next week (13-15 January) but, in the meantime, we wanted to write to you with our views:

It is important to clarify that this new organization is not supported by the IPA. Moreover, even if David Tuckett has stated in an email that the President of the IPA strongly supported his initiative about a meeting to discuss training principles, it is simply not true that Virginia Ungar supported either the specific meeting that he convened or the proposals they have now developed.

As you know, in July last year the IPA Board of Representatives decided to enable societies to vary the frequency in the Eitingon training model (the new standard is 3-5 times per week, rather than the previous 4-5). Subsequently, at the first meeting of the Board of Representatives under the Presidency of Virginia Ungar, it was agreed to establish a Task Force to handle the translation of that decision into a practical reality.

The Task Force has already completed Phase 1 of its work, and has made recommendations that will be discussed by the Board of Representatives next week; these recommendations primarily cover the way the decision should be reflected in the IPA's Procedural Code, and a more detailed outline of the work to be undertaken in Phase 2. Assuming the Board agrees, Phase 2 will look specifically at issues relating to oversight, and to reviewing the process for assessing the standards of any existing non-IPA groups who may wish to join the IPA.

The IPA's Executive Committee has already spent some time considering a new approach to oversight, one which respects IPA societies by being based on collegial principles, but which also offers opportunities for best practice to be shared internationally, which works across all training models, and which provides appropriate assurance of quality standards, without being bureaucratic or oppressive.

The IPA is, of course, perfectly happy for any members to get together and discuss issues and concerns. But while it is one thing to do that within our institutional framework - consulting with members and societies on the development of policies which would have a profound effect on one or other parts of our work - in our view it is not acceptable that any group takes for themselves the functions which are already established as part of the IPA's work, set out in our Rules and our procedural Code.

If the IPA Board of Representatives next week adopts the proposed changes to the wording of the IPA Procedural Code, the variation in the Eitingon model will be immediately available for all IPA societies.

If the same Board meeting approves the proposed way forward on Phase 2 (oversight, and applications by existing non-IPA groups), we imagine the intention of the Board will be to have an interim report by the middle of 2018, and a final report by the start of 2019 - although as the IPA is a democratic organization we should emphasize that these matters are, of course, for the Board to decide. If that timetable is agreed, it means that non-IPA groups who would be eligible to apply for IPA membership under the variation in the Eitingon model could do so after the Board establishes the date. Of course, they would then need to go through the established system of the ING - the current system through ING, as an example, generally takes 3 to 5 years.

Finally, we wanted to add that the IPA Task Force will of course be entitled to examine the negative effects that the variation could cause to Eitingon societies that will keep their frequency at 4-5, and to propose what measures they think would be best to deal with this issue. The Task Force will have the resources of the IPA Administration and our staff, as well as input from all society Presidents and Directors of Training, and IPA members. It would seem wasteful - and divisive - to have a small sub-set of members examining this area for themselves.

The IPA already has its own democratic structure that can take care of necessary tasks and there is no need for external bodies to do the work. Moreover, as you know, in a moment when we see so much division and intolerance in the world, our main effort should be to keep the strength and integrity of our Association.

Warm regards

IPA Executive Committee:
Virginia Ungar, President
Sergio Nick, Vice President
Andrew Brook, Treasurer
Giovanni Foresti, European Representative
William Glover, North American Representative
Sergio Lewkowicz, Latin American Representative

Concluo meu texto como uma reportagem. As discussões neste momento me parece que tomam um rumo bastante distante daquele que a flexibilização do modelo Eitingon poderia pressupor. Mais uma vez, estamos diante da pretensão de separar a "boa" psicanálise da "má" psicanálise e, repetindo insistentemente o que gerações de psicanalistas afirmam de várias formas, temos de livrar a psicanálise da psicanálise para psicanálise reescrevendo mil vezes, tantas quantas forem necessárias, a corajosa carta de setembro de 1897 de Freud a Fliess.

Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 2018.

aulatino desde el centro (fig. 77). En la pintura una

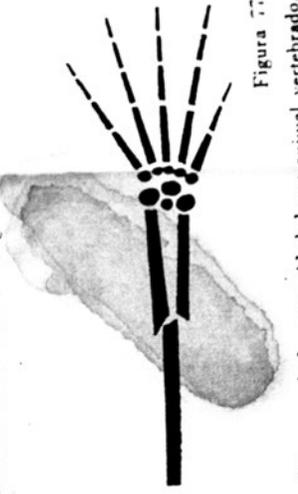


Figura 77
Diagrama de la extremidad de un animal vertebrado.

